



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O ESTUDO DO MEIO COMO UMA FERRAMENTA ESSENCIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Eduardo Ernesto do Rêgo.

Doutorando em Geografia – PPGG/Universidade
Federal da Paraíba.

E-mail: ernestovirtual@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca apresentar algumas reflexões a cerca da importância do estudo do meio na disciplina de geografia, visto que na atualidade mesmo com todos os avanços metodológicos presentes na educação, essa atividade ainda não vem sendo muito trabalhada pelos professores desta disciplina, uma vez que muitos ainda associam a idéia de que a educação só deve ocorrer dentro dos muros da escola. Nesse contexto, o artigo objetiva discutir a importância da realização do estudo do meio como uma ferramenta essencial no ensino de geografia no Fundamental II, sugerir os procedimentos metodológicos para o planejamento, execução, e avaliação da atividade, e por fim, lançar sugestões de roteiros de campo para esse segmento. Dessa forma, no transcórper do artigo procuramos discutir como o estudo do meio foi inserido na disciplina de geografia nas escolas militares fundadas no início do século XX pelos imigrantes europeus membros do movimento anarquista, e como essa atividade passou a ser praticada no Brasil a partir da década de 1970 com o advento da geografia crítica de cunho marxista. Do ponto de vista metodológico, por se tratar de um artigo de cunho bibliográfico, realizamos uma ampla pesquisa em diversas fontes para amadurecermos os conceitos de educação, ensino de geografia e estudo do meio, geografia crítica, onde

tomamos como base os seguintes referências teóricas: Brandão (1993), Freire (2003), Vesentini (1999), Alentejano (2006), Pontuschka (2007), Compiani e Carneiro (1993), Serpa (2006), Callai et al. (1988), Suertegaray (2002), entre outros. Após as reflexões e sugestões postas neste artigo, esperamos contribuir para que o estudo do meio seja percebido pelos professores de geografia do ensino fundamental II como uma ferramenta essencial que deve ser resgatada e propagada, uma vez que contribui valorosamente para o processo de ensino/aprendizagem e para a formação da cidadania dos discentes.

Palavras - chave: Estudo do meio. Ensino de geografia. Roteiros de campo.

1- INTRODUÇÃO

Mesmo em nosso mundo globalizado, ainda associamos erroneamente a idéia de que é apenas no ambiente escolar formal onde se desenvolve a educação e os processos de ensino – aprendizagem. É importante entender que todo espaço se constitui como um espaço educativo seja ele um ambiente formal (escola) ou não. Dessa forma, viver é um processo constante e dialógico de educação, de educar e ser educado. O ser humano, nas diversas esferas da vida está sempre participando do processo de aprendizagem, seja no ambiente familiar, na escola, na igreja, nos clubes, nos espaços virtuais, e nos demais espaços onde haja a socialização humana. Nesse contexto, sempre estamos aprendendo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

algo, no contato das relações interpessoais (BRANDÃO, 1993).

Conforme Freire (2003), A educação deve ser considerada como prática pedagógica voltada para emancipar e transformar os sujeitos, tornando-os conscientes, reflexivos e autores de suas vidas. Nessa perspectiva, o autor também enfatiza a importância de valorizar os conhecimentos de cada educando, considerando que o processo de ensinar deve levar em consideração os saberes dos alunos. Sendo necessário fazer uma associação das disciplinas ministradas em sala de aula com a realidade vivenciada por estes em seu cotidiano, sendo a prática do estudo do meio uma atividade de grande relevância para essa socialização e abstração do conhecimento.

Em se tratando do ensino de Geografia, torna-se importante enfatizar que nas últimas décadas essa ciência vem passando por um processo de transformação nas suas práticas metodológicas e conceituais assim constatamos hoje, uma geografia mais preocupada em se tornar uma ciência cada vez mais analítica, superando as descrições positivistas que eram realizadas durante a geografia tradicional que perdurou no Brasil até a década de 1950 com o advento movimento de renovação da geografia e posteriormente com o surgimento do

paradigma da Geografia Crítica na década de 1970 (VESENTINI, 1999).

Do ponto de vista metodológico, desde a década de 1970 o ensino de geografia tem abandonado a postura tradicional onde o professor fazia apenas uso do giz, da lousa, de globos terrestres, e planisférios, para ministrar suas aulas. Com o a evolução das geotecnologias, da aerofotogrametria, e do sensoriamento remoto podemos presenciar na atualidade uma mudança metodológica no tocante a realização de aulas mais ricas em informação e com um maior auxílio do aparato didático-tecnológico disponível na contemporaneidade (ALENTEJANO, 2006).

2- O ESTUDO DO MEIO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

No ensino fundamental II, que compreende as séries do 6º, 7º, 8º e 9º ano, o estudo do meio pode ser considerado como uma prática educativa que exercita a construção do conhecimento, para além dos livros didáticos, portanto, é uma metodologia de ensino que busca trabalhar a realidade local dos alunos além dos muros da escola, fazendo com que esses possam despertar para a realização de uma leitura crítica da realidade e para a busca de sua autonomia, pensando



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dessa forma em ações de intervenção para o exercício de sua cidadania.

Conforme Pontuschka (2007);

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos (PONTUSCHKA, 2007, p. 105).

No estudo do meio o professor realiza a pesquisa em parceria com os seus alunos do meio que os cerca. Nessa metodologia devem ser desenvolvidas principalmente as habilidades de observação, da leitura crítica da realidade. É uma prática pedagógica relativamente antiga e que surgiu inspirada principalmente em dois educadores, sendo eles Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), Através dos Estudos do Meio esses educadores pretendiam colocar seus educandos em contato mais direto com a realidade estudada (PONTUSCHKA, 2004).

No Brasil, mesmo tendo registros de que essa prática metodológica já realizada em algumas escolas militares fundadas no início do século XX por imigrantes europeus membros do movimento anarquista, essa metodologia só veio de fato a se popularizar a partir de 1960 com o advento da tendência

pedagógica conhecida como Escola Nova. Entanto a censura e a repressão política praticada durante todo esse período militar fizeram com que os Estudos do Meio fossem terminantemente proibidos, principalmente nas escolas públicas, essa decisão veio a se consolidar com o advento do arbitrário Ato Institucional n. 5 (AI-5) baixado em 13 de dezembro de 1968.

Segundo Pontuschka (2004);

Todavia, com o acirramento da censura e da repressão política promovida pelo governo militar pelo Ato Institucional n. 5 (AI-5), baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, os Estudos do Meio ficaram proibidos. Nesse período, quando realizados, aconteciam clandestinamente. De certa forma, os Estudos do Meio foram “proscritos” e a organização de trabalhos interdisciplinares desse tipo “era quase uma temeridade” (PONTUSCHKA, 2004, p. 258).

A partir da década de 80 e 90, o processo de redemocratização do Brasil aliado a crise do governo militar, fizeram com que os Estudos do Meio voltassem a ser praticados pelos educadores e pelas instituições de ensino tanto da rede privada como da rede pública, constituindo-se como uma metodologia de ensino importante por conseguir integrar as várias áreas do conhecimento e por conseguir obter resultados positivos e significativos no processo de ensino/aprendizagem principalmente naquele momento tão delicado de reestruturação social, política e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

educacional pelo qual passava o Brasil (PONTUSCHKA, 2004).

No ensino de Geografia (na perspectiva crítica surgida a partir de 1970) o estudo do meio no segmento do ensino fundamental II, é uma ferramenta essencial por inúmeros fatores dentre eles destacamos a importância dessa metodologia no estabelecimento de uma maior compreensão do espaço geográfico e suas várias nuances, tendo em vista que essa prática pedagógica objetiva entre outros fatores a formação de uma atitude investigativa perante o espaço geográfico e suas contradições sociais, políticas, econômicas e ambientais. Dessa forma, desenvolve um aprimoramento dos múltiplos olhares dos alunos do 6º ao 9º ano, relacionados aos fenômenos estudados em sala de aula. Sendo também de extrema importância para que os mesmos compreendam melhor os demais conceitos trabalhados por esta disciplina no ensino fundamental, a exemplo dos conceitos de paisagem, lugar, território e região.

O estudo do meio no ensino de geografia, também possibilita uma maior ilustração e reflexão sobre os aspectos teóricos e conceituais estudados em sala de aula, sendo que por meio do trabalho de campo é possível analisar com mais propriedade esses aspectos de forma prática a partir de estudos in lócus. Outro aspecto

interessante dessa prática é que quando aplicado de forma coerente e numa perspectiva interdisciplinar essa aproxima as áreas do conhecimento promovendo uma integração tanto do corpo docente, do corpo discente e dos saberes científicos. De acordo com Compiani e Carneiro (1993, p.90); *é preciso ilustrar os vários conceitos vistos nas salas de aula; guiar os processos de observação e interpretação; motivar o aluno a estudar determinado tema e orientar o aluno para resolver ou propor um problema.*

Esse estudo na geografia crítica também deve ter como ponto de partida a idéia da realização de uma análise que parta da singularidade local e sua conexão na totalidade global. Lembrando sempre que cada lugar no espaço geográfico mesmo sendo único, realiza um processo de interligação com o global por meio dos sistemas de redes – comunicação e transportes (SERPA, 2006).

3- COMO PLANEJAR, EXECUTAR, E AVALIAR, O ESTUDO DO MEIO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA?

Para que o estudo do meio possa de fato resultar em êxito no processo de ensino e aprendizagem, Pontuschka (2007) aponta ser necessária a realização de um minucioso e rigoroso, porém flexível, planejamento prévio



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que envolva dentre outros fatores os seguintes elementos: a) a escolha da uma área, ou seja, do espaço a ser estudado, que pode ser desde as adjacências da unidade escolar ou até mesmo em algumas áreas privilegiadas municipais ou intermunicipais. b) A escolha do conteúdo a ser trabalhado, que deve ser pensado de forma coletiva pelos docentes envolvidos, possibilitando dessa forma uma abordagem interdisciplinar de um mesmo objeto de estudo. c) Outro passo a ser seguido na realização do estudo do meio é o estabelecimento prévio do roteiro e do cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante o trabalho de campo. Nesse roteiro o percurso deve está descrito e deverá está ao alcance dos participantes. d) Os participantes também devem ter em posse textos auxiliares tratando do conteúdo e da área em estudo, e materiais de apoio ao trabalho de campo, a exemplo de mapas, caderno de anotações, roteiros de entrevistas, desenhos e croquis da área, dentre outros, onde também citamos a posse de GPS e demais recursos tecnológicos disponíveis na atualidade.

Conforme Callai et al. (1988);

Vale lembrar aqui que durante o tempo em que se desenvolver todo o processo do trabalho de campo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que está sendo

desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas. Isto é necessário para se evitar o “fazer pelo fazer” apenas (CALLAI, 1988, p. 230).

Ainda sobre o esse planejamento que se faz necessário ao trabalho de campo no ensino de geografia. Alentejano e Rocha-Leão (2006, p. 51), comentam: *É interessante discutir a importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia e provocar algumas reflexões acerca dos perigos que rondam a banalização do trabalho de campo na Geografia atual.*

Após o planejamento prévio minucioso realizado a partir do estudo do meio baliza-se a prática de campo como a etapa onde acontecerá a pesquisa in loco da área a ser estudada, ou seja, aonde os professores conduzirão seus alunos para o local de pesquisa por meio do trabalho de campo na área previamente selecionada. É o momento privilegiado onde o aluno torna-se um pesquisador e se observa diante de uma valorosa investigação geográfica do meio que o cerca e do qual ele é parte integrante.

Suertegaray (2002) apresenta a experiência do trabalho de campo da seguinte forma:

Concebemos, portanto, o trabalho de campo de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do aluno - pesquisador no movimento da sociedade como um todo (SUERTEGARAY, 2002, p. 109).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A execução do trabalho de campo propriamente dito, não pode ser encarado como um horário de ócio, ou como uma atividade de lazer ou entretenimento, por parte dos alunos, sendo necessário o entendimento dos mesmos sobre a relevância da atividade para o seu processo de ensino/aprendizagem e para a assimilação da teoria de sala de aula com a prática vivenciada em campo.

Conforme atesta Pontuschka (2007);

As práticas de campo em um Estudo do Meio não devem ser caracterizadas como uma ocasião de ruptura do processo ensino-aprendizagem. Ao contrário, fazem parte dele, são momentos especiais, sem dúvida, mas que não se sustentam isoladamente. Não se desconsidera, evidentemente, a dimensão lúdica de uma saída de campo em um Estudo do Meio. O que queremos evitar é a sedimentação de estereótipos da sala de aula, “naturalmente chata” sendo preciso “retirar” os alunos para “passear de vez em quando” noutro lugar (PONTUSCHKA, 2007, p. 107).

O trabalho de campo, em especial no ensino fundamental II, revela os movimentos escamoteados no espaço, as inter-relações entre os seres humanos com os demais seres humanos, e desses com o ambiente natural, social, cultural, político e econômico. É uma prática reveladora de muitos aspectos dialéticos que dentro dos muros da escola, talvez fossem impossíveis de serem postos com tanta evidencia e compreendidos com tamanha clareza. Segundo Pontuschka (2007),

a compreensão do meio passa por uma geografia viva e para desvendar os segredos dessa geografia viva, torna-se necessário ir a campo.

4- SUGESTÕES DE ROTEIROS DE CAMPO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA.

Nessa parte do artigo temos por objetivo lançar sugestões de roteiros de campo possíveis de serem executados no ensino fundamental na disciplina de geografia, pretendemos assim direcionar a teoria desenvolvida até o momento a uma aplicação prática com o estudo do meio e com a elaboração de roteiros de campo que possam enriquecer os conteúdos trabalhados pelo professor de geografia em sala de aula, dessa forma sugeriremos abaixo dois roteiros que podem auxiliar na exploração de aspectos físicos e humanos da geografia, propiciando uma maior contribuição no processo de ensino/aprendizagem nesta disciplina.

Sugestão número 01: Trabalhar o lugar no espaço geográfico estadual, regional e mundial, utilizando assim as diferentes escalas geográficas.

Turma escolhida: 6ºano.

Objetivo do roteiro de campo privilegiado:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Estudar as diferentes escalas geográficas (local, estadual, regional, nacional, continental e mundial), e abordar os conceitos geográficos de lugar, paisagem, território e espaço geográfico.

Procedimentos metodológicos: No primeiro momento recomenda-se realizar um estudo teórico em sala de aula sobre os conceitos da geografia que se pretendem trabalhar com a atividade de campo. No segundo momento deve ser realizado o trabalho de campo onde os alunos acompanhados pelo professor passarão a explorar algumas áreas do lugar escolhidas previamente (que pode ser uma praça, uma rua, um bosque, etc.) despertando dessa forma a percepção real dos alunos relacionada às diferentes escalas estudadas em sala.

Avaliação: A avaliação poderá ser realizada por meio de relato de experiência, que poderá ser de forma oral ou escrita, onde os alunos possam associar o conteúdo ministrado em sala de aula às experiências vivenciadas pelos mesmos durante a realização da atividade de campo.

Sugestão número 02: Explorar os aspectos topográficos e geomorfológicos de dada área no espaço geográfico, a exemplo do relevo e vegetação.

Turma escolhida: 6º ou 7º ano.

Objetivo do roteiro de campo: Analisar os

aspectos topográficos, geomorfológicos, ou fitogeográficos, da área escolhida.

Procedimentos metodológicos: Nessa atividade recomenda-se inicialmente fazer um estudo prévio dos elementos físicos do relevo da área que se pretende estudar, deve-se utilizar como material de apoio: mapas, globos, e imagens de satélites. Logo em seguida recomenda-se definir o percurso a ser seguido pelo professor com os seus alunos, privilegiando alguns lugares que possam evidenciar os aspectos topográficos e geomorfológicos que serão explorados, podendo ser um rio, um vale, um monte, etc. Após esse planejamento prévio, o professor deve conduzir os alunos para a área escolhida para a realização da atividade.

Avaliação: A avaliação poderá ser realizada por meio de relato de experiência, que poderá ser de forma oral ou escrita, onde os alunos possam associar o conteúdo ministrado em sala de aula às experiências vivenciadas pelos mesmos durante a realização da atividade de campo.

A partir da realização destas atividades sugeridas o professor conseguirá expor de forma prática e dinâmica os conteúdos trabalhados na disciplina de geografia, permitindo aos alunos uma maior assimilação dos mesmos.



5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nossas reflexões acerca do estudo do meio no ensino fundamental II na disciplina de geografia, é possível afirmar que quando bem trabalhada pelo professor, essa prática didático/metodológica lhe permite desenvolver aulas dinâmicas, atraentes e de grande importância no processo de ensino/aprendizagem para os alunos.

Também é importante ressaltar que essa metodologia de ensino pode ser aplicada em qualquer outra área do espaço geográfico, e por qualquer outra disciplina que trabalhe elementos relacionados ao espaço geográfico e suas múltiplas representações.

Frisamos ainda que o estudo do meio pode ser trabalhado na disciplina de geografia de forma associada com outras disciplinas do currículo escolar, a exemplo da biologia, história, sociologia, dentre outras. O que caracteriza essa atividade como de caráter pedagógico interdisciplinar.

Dessa forma, cabe ao professor de geografia comprometido com os novos saberes, buscar se aperfeiçoar e encontrar formas de interagir com os seus alunos de forma criativa e pró-ativa, visando como resultado didático/metodológico final facilitar à transmissão dos conteúdos eminentes a disciplina em questão.

6- REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. *Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?* IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 51 – 68, 2006. Disponível em:<www.agbsaopaulo.org.br/>. Acesso em: 17 ago. 2014.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação?* 28ª ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

CALLAI, H. C. et al. *O estudo do município e o ensino de história e geografia*. Ijuí: Unijuí, 1988.

COMPIANI, M. e CARNEIRO C. D. R. *Investigaciones y experiencias educativas: Os papeis didáticos das excursões geológicas*. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, p 90-97, 1993.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.;



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CACETE, N. H. *Para ensinar e aprender geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N. *O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes*. In: VESENTINI, J. W. (Org.). *O ensino de geografia no século XXI*. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

SUERTEGARAY, D. M. A. *Geografia física e geomorfologia: Uma (re)leitura*. Injui: Unijui, 2002.

SERPA, Â. *O Trabalho de campo em Geografia: Uma abordagem teórico-metodológica*. IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 7 – 24, 2006. Disponível em: www.agbsaopaulo.org.br/. Acesso em: 15 set. 2014.

VESENTINI, J. W. *Geografia crítica: O espaço natural e a ação humana*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 1999.